

## FATORES ESTRUTURAIS E CONJUNTURAIS DA EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO SOJICULTOR NA AMAZÔNIA

**Maria do Socorro B. de Lima<sup>1</sup> – CPDA-UFRRJ**  
sblima@argo.com.br

Nas últimas décadas, a Amazônia tem se apresentado como a nova fronteira agrícola, através da expansão do agronegócio sojicultor. A expansão dessa atividade está relacionada, do ponto de vista estrutural com a expansão das *commodities* agrícolas brasileira, onde a soja tornou-se o principal produto de exportação, propiciando uma reorganização interna da produção e do território. O Brasil se apresenta como o segundo maior produtor mundial de grãos e farelo de soja e o terceiro na produção de óleo, o que ajuda a impulsionar a expansão da área produtiva e de investimentos em outras regiões como Norte e Nordeste, até então fora do circuito tradicional de produção (RODRIGUES, 2005). Entre os fatores conjunturais que nos ajudam a entender a expansão da soja na Amazônia, estão: o preço, o papel do P&D e a logística espacial. Este trabalho analisa a expansão da soja na Amazônia, destacando o comportamento da área cultivada e do aumento da produtividade entre 1995-2004. Também discute, os principais fatores que impulsionam e diferenciam o crescimento do agronegócio da sojicultura nessa região.

**Palavras-chaves:** agronegócio, soja, Amazônia.

### 1. Introdução

A entrada do Brasil no mercado mundial da soja ocorreu, ainda na década de 70 como uma estratégia oficial de modernização da agricultura nacional, iniciada nos anos 50. A cultura ganhou impulso com a expansão da fronteira agrícola em direção ao Centro-Oeste com o cultivo em áreas de cerrados que se sustentavam com base nos incentivos dos programas governamentais, bem como pelos atrativos dos preços internacionais.

Segundo Siqueira (2004:188), além dos incentivos governamentais, no cerrado, a expansão da soja foi estimulada pelos baixos preços da terra e pela política agrícola compensatória dos custos relacionados ao uso de insumos e os custos com a logística para o transporte da produção para os principais centros de consumo e portos do país. Outros fatores motivadores foram: a) a elevação do preço da terra nas regiões tradicionais do Sul; b) o estabelecimento de uma política de preços mínimos para a cultura e de crédito subsidiado; c) o papel decisivo do desenvolvimento da pesquisa agropecuária com a implantação de novas unidades de pesquisa com objetivo de atender as necessidades da agropecuária brasileira.

Nas duas últimas décadas, a expansão da fronteira agrícola, representada pelo agronegócio sojicultor vem intensificando o processo de integração econômica e territorial nacional. Essa expansão está relacionada às mudanças que afetaram o país no final dos anos de 1990, resultante do endividamento externo, da crise da liquidez internacional e dos sucessivos “ajustes”

---

<sup>1</sup> Geógrafa, doutorando do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM)

macroeconômicos. A liberalização da economia, a desregulamentação dos mercados agrícolas e a desativação de monopólios estatais, além das mudanças no crédito rural e na política dos preços mínimos foram medidas que afetaram diretamente a agricultora brasileira, promovendo mudanças profundas e, a exemplo do que ocorrera na primeira crise da dívida nos anos 80, os setores primários-exportadores passaram a desempenhar papel importante para a geração de saldo comercial.

Diante desse cenário encontram espaço para expansão, principalmente produtos agrícolas destinados à exportação como algodão, milho e soja. Assim, o agronegócio brasileiro apresentou importante desempenho com o crescimento do volume produzido e da produtividade. Entre maio de 2004 e abril de 2005, o agronegócio exportou US\$ 40,57 bilhões gerando um saldo comercial de US\$ 36,52 bilhões, o equivalente a 30% do PIB e 43% das exportações, desse total, o complexo da soja representou 24,5% das exportações do agronegócio brasileiro (RODRIGUES, 2005).

## **2. A Soja no Centro da Estratégia da Agricultura Brasileira**

### **2.1. Conjuntura Internacional**

As grandes culturas de exportação da economia brasileira, cuja soja é um caso característico, estiveram atreladas a uma conjuntura externa altamente favorável que lhes propiciaram uma reorganização interna da produção favorecendo o produto beneficiado. O elemento influenciador desse comportamento-padrão foi o preço internacional.

A ampliação crescente da demanda mundial de soja incentivada pelo aumento no consumo de óleos, no consumo animal, no aumento crescente do consumo *per capita* de carne e a utilização nas indústrias de produtos alimentícios, cosméticos e farmacêuticos e na pecuária (bovinocultura, suinocultura e avicultura) abriu perspectivas para que a produção de soja no mundo apresentasse um crescimento constante, a despeito de períodos de retração.

Nas últimas cinco décadas, a produção mundial de soja manteve-se crescente e praticamente contínua com pouca variação, apresentando um crescimento médio de 5,28% ao ano, no período entre 1962 e 2003. O crescimento mais acelerado foi entre 1960 e 1970, em seguida, na década de 80, a produção da soja registrou uma desaceleração retomando o ritmo de expansão nos anos de 1990. Entre 2001 e 2003, a produção cresceu a uma taxa média de 5,49% ao ano (SIQUEIRA, 2004). O ritmo de crescimento da produção mostrou-se semelhante entre os países da América do Norte e do Sul que concentram 85% da produção mundial sendo que na América do Norte, a taxa de crescimento médio foi negativa na década de 1990 (-4,15% a.a.), enquanto na América do Sul, a variação média foi de 17,45% ao ano para o mesmo período provocando uma inversão na liderança do *ranking* da produção mundial marcada pelo declínio da América do Norte desde os anos de 1960 e tendência de alta contínua para a América do Sul (*ibid*).

Na América do Norte, a produção está concentrada nos Estados Unidos e na América do Sul, Brasil e Argentina lideram o *ranking*, todavia a expansão se estende a outros países do continente como Paraguai, Bolívia e Equador. Entre os anos de 1961 e 1970, a produção de soja nesse continente saltou de 297mil toneladas para 1,713 milhão de toneladas. Nos anos 80, o continente já alcançava o terceiro lugar no *ranking* mundial com 19,490 milhões de toneladas e, em 2003 com a expansão

mantendo-se em ritmo acelerado superou a produção americana alcançando a liderança com 92,657 milhões de toneladas. O Brasil com 51,53 milhões de toneladas e a Argentina com 34,82 milhões de toneladas foram os maiores produtores (ibid).

## **2.2. Conjuntura Nacional**

No caso brasileiro, o cenário internacional favorável e a meta de geração de superávit primário contribuíram para que o país seguisse a tendência mundial de crescimento da demanda e oferta da soja impulsionando o crescimento constante de sua produção. O aumento da produção brasileira de soja está relacionado não somente a demanda internacional, mas, também a própria demanda interna, especialmente advinda do setor agroindustrial, no que tange ao suprimento dos setores de carne (bovinos, suínos e aves), de leite e óleo comestível.

De acordo com Siqueira (2004:137-38), quatro fases podem ser identificadas nas últimas décadas na expansão da produção nacional de soja: a primeira entre 1961 e 1970 caracterizada por um crescimento lento com uma produção aproximada de 50 mil toneladas; a segunda fase corresponde ao período 1971 e 1978 onde o crescimento se apresentou num ritmo mais acelerado com a produção saltando de 1 milhão para 10 milhões de toneladas; a terceira fase entre 1979 e 1990 marcada por um baixo crescimento, mesmo com a produção saltando para 20 milhões de toneladas; a quarta fase iniciada nos anos 90 apresentou uma aceleração da produção de soja nacional que saltou para 50 milhões/t em 2002. Esta tendência de alta no crescimento se manteve para as safras de 2003/2004 e 2004/2005 com uma produção, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (2005) de 49.770,1 e 61.408,9 milhões de toneladas, respectivamente.

Seguindo a tendência mundial de crescimento da demanda e da oferta de soja, o Brasil tem aumentado sua produção. A expansão de soja, nas duas últimas décadas tem avançado em todas as regiões brasileiras, inclusive sobre aquelas até então consideradas inaptas e inadequadas a esse tipo de cultivo, como a região Norte e Nordeste.

A expansão da cultura da soja vem acompanhada do crescimento da produtividade. Fatores como tecnologia, mecanização, crédito, relações de troca, melhoria na organização e gestão dos negócios ajuda a explicar o crescimento da produtividade do agronegócio sojicultor.

Destes fatores, os avanços tecnológicos, especialmente no campo da genética (melhoramento de sementes, tornando-as mais resistentes e mais produtivas) colaboraram para o aumento da produção e da produtividade da cultura da soja no país e foram responsáveis pelo deslocamento da produção de regiões tradicionais para as áreas de fronteira agrícola nos cerrados do semi-árido e da Amazônia. A produtividade média da cultura da soja nacional apresentou tendência de crescimento próxima a média mundial, mas abaixo dos seus principais concorrentes: Estados Unidos e Argentina, contudo os índices de produtividade da soja no país se elevaram continuamente entre 1990/2003, respectivamente de 1,73 para 2,79 em t/ha colocando o Brasil como segundo no *ranking* mundial, atrás somente da Argentina (ibid).

Os estados do Mato Grosso (3,6), Rondônia (2,90), Paraná (2,88), Pará (2,85) e Goiás (2,84) apresentaram os maiores índices de produtividade entre os estados produtores de soja no país. O

estado do Amazonas com 2,12 t/ha se apresenta na 14<sup>o</sup> posição nos *ranking* dos estados produtores de soja (ibid).

Colaboraram para esse desempenho, os avanços tecnológicos nos campos da genética com a melhoria de sementes que aumentaram a resistência a pragas e doenças e as tornaram mais produtivas; o uso de máquinas e implementos que melhoram as etapas de plantio, manutenção e colheita e as melhorias nas técnicas agrícolas desde o plantio à colheita. No caso brasileiro, o desenvolvimento de novas cultivares de soja, o uso de técnicas de plantio direto e mecanização adequada ao longo de todo o processo de produção agrícola colaborou para a melhoria do desempenho em todas as regiões do país e, principalmente para a incorporação das áreas de cerrados amazônicos e do semi-árido (SIQUEIRA, 2004:147).

### **2.3. Logística Espacial e a Estratégia Global**

A partir dos anos 1990, intensificou-se uma política deliberada de apoio aos chamados Eixos Nacionais de Integração e Desenvolvimento<sup>2</sup>, os ENID. Desde então, a infra-estrutura de transporte nacional tem sido profundamente transformada buscando atender os fluxos de bens e serviços em suas áreas de influência com conseqüente barateamento dos custos das cargas transportadas, racionalização dos fluxos e abertura de novas vias de escoamento. Tais mudanças promoveram, um rearranjo na localização da produção da soja e dos investimentos no setor com aquisição de equipamentos, ampliação de plantas industriais, melhorias nos sistemas de transporte, armazenagem e terminais portuários (CASTRO, 2002).

A montagem de um sistema interligado de transporte tornou viável a incorporação de novas áreas de produção da soja em larga escala em áreas dos cerrados, situadas na região centro-norte do país, assim como da produção pecuária com ou sem valor agregado destinado, especialmente ao mercado internacional.

A expansão dos eixos de integração e a implantação dos corredores de exportação permitiram que os estados do Norte, em particular o Amazonas fossem incorporados ao processo produtivo e tecnológico de reprodução do capital em escala global.

Isso aponta para a coexistência de estratégias e organizações distintas do Sistema Agroalimentar Mundial, que se aplica tanto à economia de escala quanto à qualidade dos produtos finais envolvendo uma rede de atores, processos produtivos e alianças estratégicas (DICKEN, 1994). A globalização do sistema agroalimentar emerge dentro de um modelo particular de atividade corporativa transnacional que combina geograficamente elevados arranjos produtivos com processos simultâneos de enraizamento (*embedded*) local e mobilidade global, além do desenvolvimento de instrumentos de regulação, captação, gerência e exploração de recursos intangíveis (marcas, patentes e *know-how*) (REARDON, 2001; PRITCHARD, 2000).

### **3. Soja nos Estados da Região Norte**

---

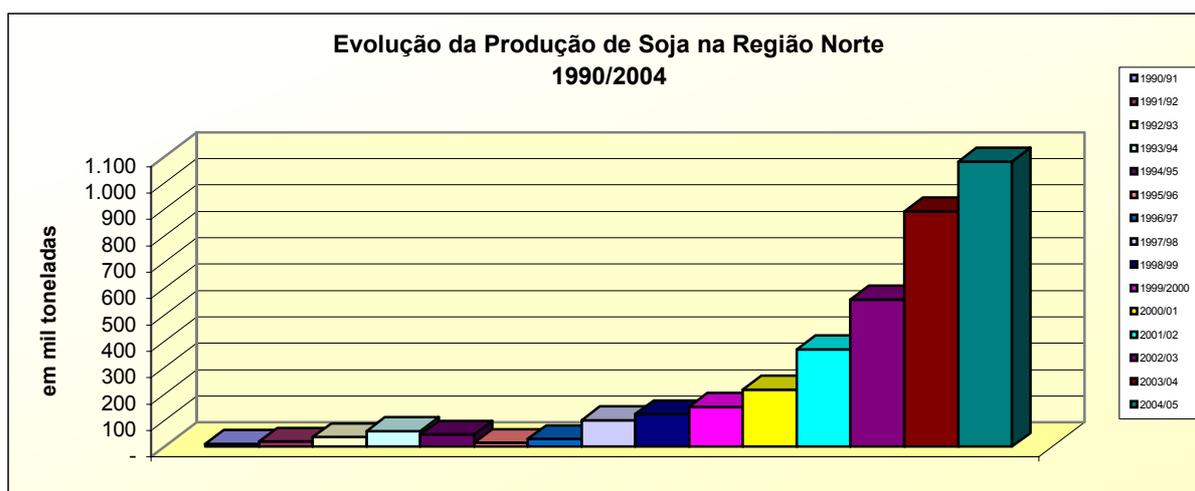
<sup>2</sup> Galvão e Brandão (2003:194) destacam serem muitas as referências teóricas inspiradoras da concepção de "eixos" nas discussões sobre o desenvolvimento e criticam a visão unidimensional dessa concepção, por sua incapacidade de promover alterações efetivas sobre a melhoria da qualidade de vida das populações-alvo.

A área plantada da soja na região Norte cresceu nas duas últimas décadas, saindo de 6,3 hectares na safra 1990/1991 para 410,9 hectares na safra 2004/2005, com uma taxa de 652%. Os estados do Tocantins e Rondônia foram os que apresentaram maior crescimento percentual para o período, respectivamente 7.800% e 2.700%.

Em termos de produção, a região Norte também apresentou crescimento, não só em relação ao total produzido mais em relação ao número de estados produtores. Enquanto na safra, 1990/1991 apenas dois estados – Rondônia e Tocantins - participavam de toda a produção dessa região na safra 2004/2005, a exceção dos estados do Acre e Amapá todos os demais contribuíram para produção regional, segundo a CONAB (2005).

A produção que na safra 1990/1991 foi de 11,5 mil toneladas subiu para 1.087,9 toneladas na safra 2004/2005, um acréscimo 1.076,4 toneladas. O crescimento da produção aumentou significativamente, a partir da safra de 2000/2001, com a participação dos estados de Tocantins, Rondônia, Pará e Amazonas (ibid).

O índice de produtividade para a região Norte se elevou ao longo dessas duas décadas, saltando de 1,8 para 2,6 kg/ha. Em 2002, Rondônia com 2,90 t/ha e Pará com 2,85 t/ha já ocupavam o 2º e 4º lugar respectivamente no *ranking* dos estados produtores de soja nacional.



Fonte: CONAB, 2005

### 3.1. A Cultura da Soja no Estado do Amazonas

A produção de soja no Amazonas concentra-se no sul do Estado tendo sido iniciada, no final dos anos de 1990, durante o Programa Terceiro Ciclo de Desenvolvimento e, atualmente faz parte do Programa Pólo de Desenvolvimento de Grãos do Sudoeste do Amazonas.

As atividades de fomento e extensão do Programa Terceiro Ciclo estavam sob a responsabilidade do então criado Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Amazonas (IDAM)<sup>3</sup>, cuja missão consistia em reestruturar o setor primário, através de subprogramas, projetos e ações de desenvolvimento econômico e social (IDAM, 1997). Entre os programas e projetos gerenciados pelo IDAM estavam:

<sup>3</sup> Criado através da Lei nº 2.384, de 18/03/96.

a) projeto de Produção de Grãos cujo objetivo era a promoção da produção de grãos (arroz, milho e soja) nas áreas do cerrado amazonense nos municípios de Humaitá, Manicoré, Canutama, Lábrea e Tapauá.

b) projeto de Correção do Solo do Cerrado Amazonense (Pró-Calcário) que tinha por objetivo a correção de 6.226 hectares de solo do cerrado amazonense, através da aplicação de 12.726 toneladas de calcário nas áreas do projeto de Produção de Grãos. (IDAM, 1998).

As condições naturais e a localização geográfica foram fatores determinantes para a ênfase de políticas públicas voltadas para a implementação de uma agricultura mecanizada e moderna nessa porção do Estado.

O estado do Amazonas que até então não tinha a soja como uma de suas culturas, obteve com a implementação desse Programa uma ampliação, tanto da área plantada quanto de sua produção. Segundo o Anuário Estatístico do Amazonas (2004), em 1998 a área colhida com soja no estado foi de 587 hectares e uma produção de 796 toneladas. Em 2000, saltou para 1.036 ha obtendo 1.408 toneladas. A safra 2004/2005 já apresenta 2,1 mil ha e a produção subiu para 5,4 mil toneladas (CONAB, 2005).

Embora a produção da soja ocorra em vários municípios, os dados mais expressivos estão no pólo de Itacoatiara e no pólo do Madeira, localizados respectivamente no centro e sul amazonense com destaques para os municípios de Humaitá e Manicoré. A pesquisa dá principal atenção ao Pólo de Grãos do Sudoeste Amazonense, localizada na região do Madeira, sul do Amazonas.

A introdução dessa cultura intensificou a pressão sobre as áreas de campos naturais e sobre a floresta amazônica, mesmo que de forma indireta, elevando as taxas de desmatamento do Estado.

### **3.2. Características Gerais do Pólo de Grãos do Amazonas**

As condições naturais e a localização geográfica foram fatores determinantes para a ênfase de políticas públicas voltadas para a implementação de uma agricultura mecanizada e moderna nessa porção do Estado.

As condições naturais que influenciaram a escolha do pólo decorreram principalmente, do tipo de vegetação predominante na área, os campos naturais (savanas), da topografia do terreno e, das características do solo.

A ocupação das áreas dos “campos naturais” foi iniciada no município de Humaitá - considerado centro irradiador da cultura da soja na parte sul do Estado do Amazonas, posteriormente expandiu-se pelos municípios de Canutama, Manicoré e Lábrea. A soja produzida nessa área segue via rodoviária 200 km para Porto Velho (RO), de onde é transferida das carretas para as barcaças junto com a soja vindo do Mato Grosso e transportadas para o Terminal Graneleiro da Hermasa em Itacoatiara<sup>4</sup> (AM) pela Hidrovia do Madeira e de lá para o mercado internacional. O custo médio de transporte é 35% inferior em relação aos custos de embarque pelos portos de Santos (SP) e Paranaguá (PR).

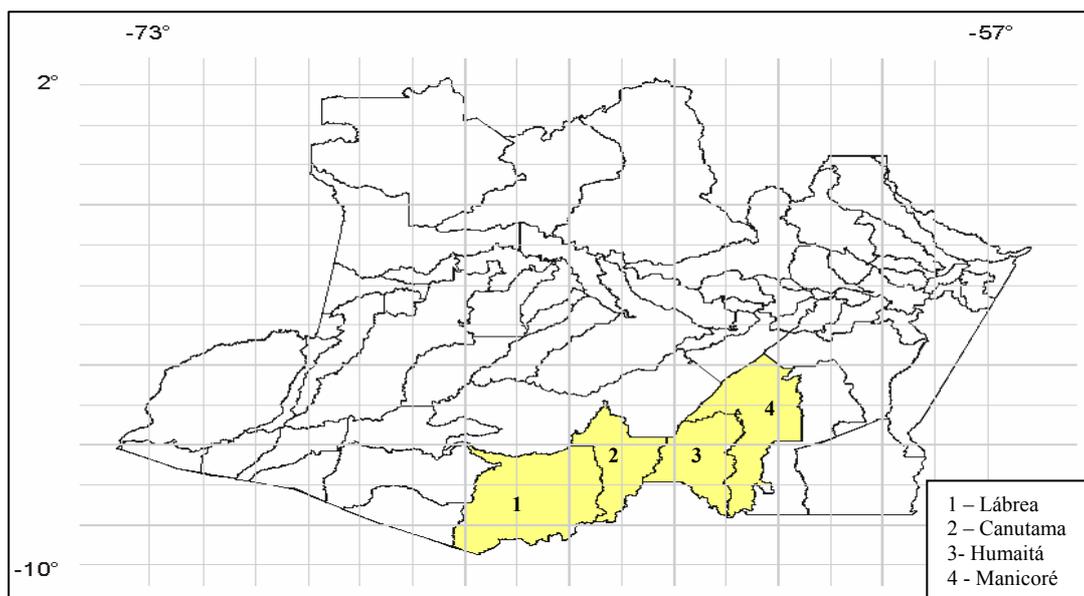
---

<sup>4</sup> O Terminal Graneleiro de Itacoatiara - Inaugurado em 12/04/97, situa-se à margem esquerda do rio Amazonas numa área de 150 mil metros quadrados, funciona como um centro de armazenamento e escoamento de grãos, graneis sólidos e insumos agrícolas. O Terminal é administrado pela HERMASA Navegação da Amazônia S.A..

O Governo do Amazonas, através do Programa de Incentivo ao Uso de Calcário na Correção de Solos (Lei nº 2.803 de 23 de junho de 2003, reformulada pela Lei nº 2.903 de 25 de junho de 2004) subsidia a aquisição por parte dos produtores de calcário para o uso na correção da acidez dos solos. O calcário utilizado nos municípios do sul amazonense é importado de Pimenta Bueno, a 700 km (RO) elevando os custos da produção.

Oficialmente, são beneficiados com o programa Pró-Calcário os produtores rurais regularizados junto ao INCRA e que apresentam documentos de liberação para o plantio por parte do IBAMA. Foram atendidos em Humaitá durante o ano de 2004, 18 produtores rurais, em 2005 previa-se o atendimento de 30 produtores, segundo os relatórios da empresa Campo Consultoria e Agronegócios Ltda. Os produtores contemplados pelo Escritório de Humaitá são produtores do próprio município e, também dos municípios de Canutama e Manicoré. A Assistência Técnica é realizada pela Campo Consultoria e Agronegócios Ltda., empresa contratada pelo Governo do Amazonas para implantar e acompanhar o Pólo de Desenvolvimento de Grãos do Sudoeste do Estado do Amazonas.

### Pólo de Grão do Sul do Amazonas



Em termos produtivos, comparados a outros Estados da região Norte a produção da soja no Amazonas é pouco expressiva, mas vem aumentando consideravelmente. De acordo com os dados do Instituto de Agropecuária do Estado do Amazonas (2005), a produção de soja no município de Humaitá (principal do produtor do Estado) em 1997 foi de 1.144,5 t subindo para 6.304,5 t na safra 2003/2004 com uma média de 45 sacos/ha.

#### PRODUÇÃO DE SOJA NOS CAMPOS CERRADOS DE HUMAITÁ

Ano	Área Plantada (ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)
1997	545	545	1.444,5
1998	300	300	630
1999	400	400	840
2000/2001	100	100	210

2001/2002	700	700	1.050
2002/2003	1.760	1.760	4.752
2003/2004	2.335	2.335	6.304,5

Fonte: IDAM, 2005 (Escritório/Humaitá)

Entre 1998 e 2001, a produção de soja no município de Humaitá teve um decréscimo considerável decorrente da falta de experiência dos produtores com esse tipo de cultura, da inadimplência dos produtores junto às instituições financeiras de crédito e do fracasso do Programa Terceiro Ciclo. A retomada do crescimento da produção veio a partir da safra 2002/2003 dentro do contexto macroeconômico favorável a cultura, do retorno dos incentivos governamentais, sobretudo em insumo (calcário) e na assistência técnica com o estabelecimento de contrato entre o governo do Amazonas com a empresa Campo Consultoria e Agronegócios Ltda.

Conforme apresentado no quadro anterior, contrariando os estudos que sustentam a tese de que o crescimento da produção da soja na Amazônia está, por um lado, estritamente vinculado ao aumento da produtividade e, de outro, a conversão de áreas de pastagens e/ou áreas degradadas, observamos nesse município, ao contrário, o crescimento da produção veio acompanhando do aumento na área plantada.

Os dados indicam que em 1997, a soja ocupava apenas 545 hectares, sofreu uma retração entre os anos de 1998 e 2001, voltando a crescer a partir de 2002, saindo de 1.760 ha para 2.335 ha na safra 2003/2004. Essa expansão está ocorrendo, principalmente sobre as áreas de campos naturais, mas já se registram áreas de cultivo em áreas de floresta (IDAM, 2005)

O perfil dos produtores dessa segunda fase do programa - que dinamizou a produção de grãos no sul do estado do Amazonas - é formado por agricultores já experientes com esse tipo de produção, capitalizados e migrantes de estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, principalmente, alguns já instalados na área a mais de 10 anos e, um número significativo de produtores recém-chegados (2 a 5 anos). São oriundos dos estados do Mato Grosso, Rondônia, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Rio Grande do Sul. Migraram atraídos pelos baixos preços da terra e pela possibilidade de aumentar suas áreas.

O processo de expansão da fronteira agrícola segue o mesmo padrão já registrado em outras áreas: aumento do preço das terras e a concentração fundiária. Segundo dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA/UA Humaitá, 1 (um) hectare de terra comprado legalmente junto ao Incra custava em 2001, R\$ 28,79 em 2004 passou para R\$ 83,78 o hectare.

Diante desse quadro é possível que haja um estímulo ainda maior a expansão do cultivo em função da instalação de outras indústrias de beneficiamento e de outras atividades associadas à soja. A produção de soja tem sido, até agora no Amazonas, utilizada de certa forma para justificar os investimentos em infra-estrutura de transporte que tem no modal da Rodovia BR-364/Hidrovia do Madeira seu principal suporte, em face da viabilidade econômica que este proporciona na queda dos custos com o transporte da soja proveniente dos cerrados do Mato Grosso, particularmente de Sapezal de interesse direto do grupo Maggi.

O Grupo André Maggi, maior produtor de soja do Brasil tem aumentado suas ações no Estado do Amazonas ampliando seus negócios, primeiro com a criação da empresa Hermosa Navegação da

Amazônia S. A, responsável pela logística de transporte da soja vinda do Mato Grosso, de Roraima e do sul do Amazonas que opera na Hidrovia do Madeira.

O projeto da Hermasa consistiu na instalação de dois terminais graneleiros, um em Porto Velho (RO) e outro em Itacoatiara (AM). O transporte é realizado por comboios fluviais (barcaças e rebocadores) com capacidade para 11.400 toneladas de grãos cada um.

A Hermasa Navegações da Amazônia é a principal empresa no transporte da soja em grãos na Hidrovia do Madeira. Em 2000, entre Porto Velho (RO) e Itacoatiara (AM), a empresa transportou 959.009 mil toneladas de soja em grãos e de Itacoatiara a Porto Velho, 39.404 mil toneladas de fertilizantes (AHIMOC, 2000).

Nesta Hidrovia, na rota Porto Velho/Itacoatiara, o transporte de soja em grãos foi responsável pelo aumento no volume das cargas via fluvial. Em 1998, o volume era de 550 mil toneladas, em 2001, atingiu 1.044 mil toneladas representando um aumento de 42% da carga movimentada nesse período.

O grupo Maggi instalou no município de Itacoatiara uma planta industrial para o processamento da soja (farelo e óleo). Sua capacidade de esmagamento é de 2.000 t/dia (1,81% da capacidade de processamento de oleaginosas do país) a produção é proveniente dos estados do Amazonas, Mato Grosso, Rondônia e Roraima. Em 2002 foram exportadas, através desse porto 1.200.000t de soja e, em 2003 1.500.000t, em 2005 está prevista, a exportação de dois milhões de toneladas de grãos. O grupo Maggi construiu, também o Porto Graneleiro Privativo Misto de Itacoatiara-AM com capacidade para 90.000 toneladas de soja com um sistema de carregamento/descarregamento de 1.500 ton/hora. O Grupo Maggi prevê a inauguração, em Itacoatiara (AM), ainda este ano de uma unidade de beneficiamento de leite de soja com capacidade para a produção de 6.000 saquinhos de leite de 250 g de leite de soja/dia. A “vaca mecânica” terá a mesma capacidade da unidade implantada em Rondonópolis (MT) com o diferencial de que, também será construída uma padaria, onde o resíduo da soja, após o beneficiamento da produção do leite será utilizado para a fabricação de farinha de soja para a produção de 1.500 pães/dia <sup>5</sup>.

Em termos de pesquisa, o grupo André Maggi, tem na Fundação Mato Grosso da qual participa, seu principal suporte para ampliação de sua atuação em áreas do cerrado e de campos naturais da Amazônia, visto que, as pesquisas desenvolvidas pela Fundação têm a finalidade de desenvolver melhores variedades de sementes adaptadas às características locais e com maiores índices de produtividade. A Fundação Mato Grosso já desenvolve pesquisas nos estados de Roraima, Acre, Amazonas (em Humaitá e Itacoatiara) e no Pará.

#### **4. Resultados e Discussões**

A expansão da soja na Amazônia está relacionada por um lado, ao ‘ajustamento constrangido’<sup>6</sup> da política macroeconômica brasileira que impôs condições imperiosas de geração de *superávits* primários, cuja soja é um dos principais produtos, bem como ao cenário de transformações do

---

<sup>5</sup> Grupo Maggi – Notícias “Fundação dá início à construção da Vaca Mecânica de Itacoatiara”. Disponível em <http://www.grupomaggi.com.br/br/news.asp?idnews=92>

<sup>6</sup> Sobre essa questão ver Delgado (2004). Questão Agrária no Pós-Guerra e sua Configuração Contemporânea.

sistema de agroalimentar global. Por um lado, a desregulamentação e a abertura do mercado e de outro, as mudanças radicais nos hábitos de consumo e nas transformações no rural conduziram a mudanças importantes no sistema agroalimentar global. A produção de novos conhecimentos biotecnológicos, as novas tecnologias de informação, as novas formas de coordenação das cadeias agroalimentares, o papel da produção e distribuição em escalas globais, a institucionalização de marcos regulatórios e padrões de qualidade podem ser elencados como eixos dessas transformações.

Neste sentido, a expansão do cultivo de soja na Amazônia se dá em contexto de integração competitiva da região ao circuito produtivo em escala internacional, implicando em um rearranjo da produção e do território nacional dentro da perspectiva de uma política nacional de desenvolvimento regional em articulação com espaços globais. A logística espacial direcionada pelos eixos de integração nacional na Amazônia facilita o escoamento desse produto ao mesmo tempo em que possibilita a diminuição dos custos de transporte tornando-o mais competitivo internacionalmente.

Do ponto de vista ambiental, os resultados iniciais indicam que o processo de expansão do cultivo de soja tem alcançado áreas anteriormente consideradas marginais à produção agropecuárias caso da Amazônia, seja por empurrar a atividade pecuarista floresta adentro, ou até por abrir uma nova frente de desmatamento liderado diretamente pela própria soja. Embora, as taxas de abertura destas novas frentes possam representar uma situação pontual, que não venha a se manter devido ao declínio atual nos preços globais da soja e da conjuntura cambial existente no país, evidencia a vulnerabilidade do capital natural representado pelos recursos florestais da região amazônica à política econômica nacional atual.

## 5. Referências Bibliográficas

ADMINISTRAÇÃO DAS HIDROVIAS DA AMAZÔNIA OCIDENTAL – AHIMOC. Ministério dos Transportes. Disponível. <http://www.transportes.gov.br/Modal/Hidroviario/ESTATISTICA/HMadeiraMC.htm> 2000. Acesso em maio 2005.

BRASIL, Companhia Nacional de Abastecimento. Soja – Brasil: Série Histórica: Safras 1990/91 a 2004/05. Disponível em <http://www.conab.gov.br/>.

CASTRO A.C. Localização e identificação das empresas processadoras de soja, suas áreas de influência, preços e custos de transporte relacionados. CPDA/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 2002.

DELGADO, G. C. Questão Agrária Brasileira no Pós Guerra e sua Configuração Contemporânea. Versão Preliminar. mimeo. 2004.

DICKEN, P. The Roephe Lecture in Economic Geography Global-Local Tensions:Firms and States in the Global Space-Economy. Economic Geography. vol. 20, issue 2, 1994. p. 101-128.

GALVÃO, A .C. F.; BRANDÃO, C. A . Fundamentos, motivações e limitações dos “Eixos Nacionais de Integração e Desenvolvimento. In. GONALVES, M. F.; BRANDÃO, C. A . Regiões e Cidades, cidades nas regiões. O desafio urbano industrial. UNESP/ANPUR. 2003. p187-228.

GOVERNO DO AMAZONAS. Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas. Relatório de Atividades III Ciclo: ano 1996/1997. Manaus.1997. Relatório. Mimeografado.

GOVERNO DO AMAZONAS. Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas. Síntese dos Relatórios de Atividades do Programa 3º Ciclo de Desenvolvimento do Amazonas. Jan. 1998. Manaus.1998. Relatório. Mimeografado

INSTITUTO DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). Relatório de Atividades Desenvolvidas nos Municípios de Humaitá e Canutama, em Atendimento a Ordem de Serviço INCRA-AM, nº19-2004.

Superintendência Regional do INCRA no Amazonas – SR-15-AM. Divisão Técnica – SR (15) – T. Manaus, 2004. 31 p.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO DO ESTADO DO AMAZONAS (IDAM). Programa Zona Franca Verde. Informações sobre a produção Agropecuária do Município de Humaitá. Humaitá (AM), março, 2005.

GOVERNO DO AMAZONAS. Secretaria de Estado e Desenvolvimento Econômico. Anuário Estatístico do Amazonas Manaus, v.18 2004.

PRITCHARD. B. The tangible & intangible spaces of agrofood capital, IRSA World Congress, Rio de Janeiro, 2000. p. 1-22.

REARDON, T. CONDRON, Jean-Marie; BUSCH, L.; BINGEN, James; HARRIS, C. Global Change in Agrifood Grades and Standards: Agribusiness strategic responses in developing countries. The Global Change in grades & standards: agribusiness strategic responses in developing countries, in International Food and Agribusiness Management Review, 2 (3/4).2001. p. 421–435.

RODRIGUES, J.G.B.. Conjuntura da Soja para a Safra de 2004/2005. Boletim Deser, nº. 142, março/2005.p. 11-22. Disponível em <http://www.deser.org.br/boletins.asp?id=31>. Acessado em 01/05/2005.

RODRIGUES, Roberto. Perspectivas para o Agronegócio Brasileiro. XVII Fórum Nacional China e Índia como desafio e exemplo e a reação do Brasil... para cima Rio de Janeiro, Estudos e Pesquisas n° 110, maio de 2005.

SIQUEIRA, Tagore Villarim de. O Ciclo da Soja: desempenho da cultura da soja entre 1961 e 2003. BNDES, Rio de Janeiro, nº 20, p. 127-222, set. 2004.

SOUZA, A. de O. Diretrizes da Política de Desenvolvimento Regional: o caso do programa governamental "Avança Brasil". Disponível em <http://www.ucdb.br/coloquio/arquivos/adauto.pdf>. Acessado 10/11/2004.